

Naturista: ser ou não ser, assumir ou não?

O desejo da realização pessoal e profissional tornam-se uma constante no atual mundo globalizado. Os índices de analfabetismo no Brasil caem a cada ano e o número de estudantes e sua relação com os anos de estudo crescem consideravelmente, assim como a inclusão aos cursos universitários.

Essa tendência está mudando, mesmo que vagarosamente, a característica da sociedade. As pessoas estão ficando mais instruídas, com maior discernimento para a formação de opinião própria e sabendo diferenciar o que é bom ou não para si.

A Federação Brasileira de Naturismo há algum tempo vem se organizando e criando alternativas para que o número de adeptos do movimento cresça e se torne difundido, assim como é nos países europeus ou no norte da América.

Certamente, os principais motivos que afastam pessoas no naturismo é o medo e o preconceito. Será que a sociedade brasileira, apesar de ser reconhecida mundialmente como liberal, como o país do carnaval e do “bundalelé”, ainda não está preparada para inserir de uma forma pacífica, os naturistas, em seu meio?

Não sabemos o índice, mas imaginamos que uma grande parte dos frequentadores de lugares como a Praia do Pinho, Abricó, Tambaba, Mirante do Paraíso, Colina do Sol, dentre outros, escondem ferrenhamente sua opção naturista, parecendo que estão fazendo algo de errado. Entretanto, cabem algumas indagações: será que é necessário escondermos nossa opção para manter conveniências? Será que família ou empregadores são tão intolerantes em relação à nudez? Será que escondendo nossa opção, não estamos nos privando de fazermos o que gostamos sem preocupação alguma? Estamos prejudicando alguém por sermos naturistas? Em todas essas questões, cabem sérias reflexões...

Há algum tempo atrás acompanhei a um grande evento em uma praia naturista brasileira. E como sempre, a mídia estava presente, representada por revistas, jornais e televisão. Sentei-me isoladamente, acompanhei a movimentação e cheguei a algumas conclusões: é impressionante o número de pessoas que fogem e tentam se esconder de qualquer forma para não aparecer.

Após o episódio, resolvi conversar com algumas pessoas e questionei o porquê do temor em se assumir naturista e, para minha surpresa, todas as pessoas disseram que era pela questão profissional. Causou-me estranheza, pensava que a questão familiar era mais representativa.

Após essa constatação, surgiu-me novos questionamentos: será que bons profissionais podem ser prejudicados por serem naturistas? Será que esses empregadores têm conhecimento do que seja o movimento? Será que nós, naturistas, não nos autocensuramos? Por que na Europa, principalmente em países como na Alemanha, Holanda e França não há problema algum em se assumir naturista, assim como nos Estados Unidos? Será que nos escondendo, mudaremos a opinião dos pseudo-puritanos que nos recriminam?

Enfim, sabe-se que se assumir ou não é uma posição extremamente individual, cada qual deve saber quem são as pessoas do seu cotidiano familiar ou profissional. Mas a sociedade está mudando, as pessoas estão pensando mais e tornando mais críticas, provavelmente mais inteligentes. Será que elas não conseguem diferenciar o que é bom e o que é ruim?

Nosso desejo é fazer com que os naturistas reflitam. O movimento naturista brasileiro necessita de pessoas que carreguem nossa bandeira, para difundirmos e

desenvolvermos nosso modo de vida e quem sabe alcançarmos a organização e a estrutura dos principais países naturistas do mundo. O Brasil está em evidência, em 2008, o Congresso Internacional será aqui. Agora é o nosso momento. Será que, num país onde quem rouba, trafica ou mata não é punido, ficar pelado é crime? É motivo de demissão?

Diogo Moreschi

Publicado originalmente na 3ª Edição
da Revista Brasil Naturista